O PAPEL DAS *FANFICS* NO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO LITERÁRIO DE JOVENS LEITORES E ESCRITORES EM AMBIENTES DIGITAIS

Autor (1): Isabelle Cristina Moraes de Matos[1]

Orientador(a): Prof. Dra. Daniela Vendramini Zanella[2]

Resumo: O presente estudo investiga o papel das fanfics no desenvolvimento do letramento literário de jovens leitores e escritores em ambientes digitais. A pesquisa tem como corpus a fanfic Cem Chances (2021), de Ruth Oliveira, publicada originalmente na plataforma Wattpad, e adota como base teórica as contribuições de Cosson e Candido, no que se refere ao letramento literário e à função humanizadora da literatura; de Jenkins e Rojo, para a compreensão da cultura participativa e dos multiletramentos; e de Bakhtin, Brait e Destri e Marchezan, no que diz respeito à perspectiva dialógica da linguagem e à Análise Dialógica do Discurso. A abordagem é qualitativa e descritivo-interpretativa, fundamentada na Análise Dialógica do Discurso como método de análise. A partir da análise de três trechos da narrativa, observa-se que a fanfic mobiliza recursos discursivos que vão além do entretenimento: o narrador constrói sua identidade em diálogo com estereótipos sociais, os personagens se posicionam dentro de uma cadeia enunciativa e a reflexão do narrador tensiona discursos socialmente compartilhados. Os resultados indicam que a leitura e a escrita de fanfics em ambientes digitais constituem práticas de letramento literário, aproximando jovens leitores da experiência literária por meio da participação ativa na produção e circulação de narrativas.

Palavras-chave: letramento literário; fanfic; dialogismo.

[1] Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: cristina.cmatos2005@gmail.com

[2] Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: daniela.zanella@prof.uniso.br | Lattes: http://lattes.cnpq.br/5438619103724658

THE ROLE OF FANFICTIONS IN THE DEVELOPMENT OF LITERARY LITERACY AMONG YOUNG READERS AND WRITERS IN DIGITAL ENVIRONMENTS

Abstract: This study investigates the role of fanfics in the development of literary literacy among young readers and writers in digital environments. The research corpus is the fanfic Cem Chances (2021), by Ruth Oliveira, originally published on the Wattpad platform. The theoretical framework draws on Cosson and Candido regarding literary literacy and the humanizing function of literature; Jenkins and Rojo for the understanding of participatory culture and multiliteracies; and Bakhtin, Brait and Destri and Marchezan concerning the dialogic perspective of language and Dialogic Discourse Analysis. The approach is qualitative and descriptive-interpretative, based on Dialogic Discourse Analysis as the analytical method. Through the analysis of three excerpts from the narrative, it is observed that the fanfic mobilizes discursive resources that go beyond entertainment: the narrator constructs identity in dialogue with social stereotypes, the characters position themselves within an enunciative chain, and the narrator's reflection tensions socially shared discourses. The results indicate that reading and writing fanfics in digital environments constitute literary literacy practices, bringing young readers closer to the literary experience through active participation in the production and circulation of narratives.

Keywords: literary literacy; fanfic; dialogism.

1 INTRODUÇÃO

A leitura desempenha um papel fundamental na formação de crianças e jovens, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação, da capacidade crítica e da compreensão de mundo. Conforme afirma Cosson (2006), a leitura literária possibilita ao leitor ampliar sua percepção da realidade e desenvolver competências interpretativas essenciais para sua formação cultural e social. Nessa perspectiva, a literatura também pode ser compreendida como um importante instrumento de formação humana, uma vez que, de acordo com Candido (2017), exerce uma função humanizadora ao possibilitar o contato com diferentes experiências, perspectivas e visões de mundo. Nesse sentido, Todorov (2009) argumenta que a literatura amplia o conhecimento do humano ao oferecer experiências que não estariam acessíveis de outra forma. As práticas de leitura e escrita, por sua vez, envolvem não apenas a aquisição do código escrito, mas a apropriação de práticas sociais a ele relacionadas, conforme propõe Soares (1998).

Com o avanço das tecnologias digitais, as formas de leitura e produção textual passaram por transformações significativas. Conforme discutido por Rojo (2015), essas mudanças relacionam-se ao contexto dos multiletramentos, no qual diferentes linguagens, mídias e formas de comunicação passam a integrar as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. Santaella (2013) contribui para essa discussão ao descrever o leitor contemporâneo como um leitor ubíquo, que transita por múltiplos suportes e produz sentidos a partir de fragmentos interconectados em redes digitais. Nesse cenário, os jovens continuam lendo e escrevendo, mas muitas dessas práticas ocorrem em ambientes digitais, nos quais novas formas de narrativa ganham espaço, entre elas as *fanfics*.

De acordo com Jenkins (2009), as *fanfictions* são narrativas produzidas por fãs que reinterpretam personagens, universos ou elementos de obras já existentes, criando novas histórias a partir desses referenciais. Essas produções emergem em contextos de cultura participativa, nos quais os indivíduos deixam de ocupar apenas a posição de consumidores e passam a atuar também como produtores e intérpretes das narrativas que consomem. Popularizadas em plataformas digitais, as *fanfics* tornaram-se parte significativa da cultura literária jovem e vêm sendo cada vez mais exploradas em estudos sobre práticas de leitura e escrita, por possibilitar ao leitor assumir um papel ativo na construção de histórias e sentidos. A escolha por este tema decorre justamente desse interesse: o contato com o universo das *fanfics* evidenciou que esses espaços, muitas vezes desvalorizados, podem influenciar significativamente a formação de jovens leitores e escritores.

Para analisar o papel das *fanfictions* no desenvolvimento do letramento literário em ambientes digitais, é necessário compreendê-las para além de sua dimensão de entretenimento. Neste estudo, essas produções são entendidas como construções discursivas inseridas em práticas sociais de linguagem, nas quais leitura, escrita e interação acontecem de forma articulada. Na perspectiva de Bakhtin (2003), a linguagem não é concebida como algo individual ou neutro, mas como um processo construído nas relações entre sujeitos, discursos e contextos sociais. Assim, as *fanfictions* podem ser compreendidas como espaços marcados pelo diálogo entre diferentes vozes e referências, uma vez que retomam narrativas, personagens e discursos previamente conhecidos pelos leitores, produzindo novos sentidos a partir dessas relações.

Diante desse cenário, surge a seguinte questão: de que maneira a leitura e a produção de *fanfics* em ambientes digitais podem contribuir para o desenvolvimento do letramento literário entre jovens leitores? Sob essa perspectiva, o objetivo deste estudo é compreender como a leitura e a escrita de *fanfictions* em ambientes digitais contribuem para o desenvolvimento do letramento literário entre jovens leitores, refletindo sobre o papel dessas produções no incentivo à leitura e na formação de leitores na cultura digital.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa se desenvolve como um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, inserido no campo dos estudos da linguagem e da literatura. A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a análise de sentidos, interpretações e relações construídas no interior dos textos, sem o uso de dados numéricos, voltando-se à compreensão dos fenômenos em seu contexto, conforme propõe Gil (2008). O estudo busca compreender de que forma a leitura e a escrita de *fanfics* em ambientes digitais se relacionam ao desenvolvimento do letramento literário entre jovens leitores, a partir da análise de uma narrativa específica.

A pesquisa se baseia na Análise Dialógica do Discurso (ADD), a partir das contribuições de Bakhtin (2002; 2003; 2009) e do Círculo, além de estudos que discutem essa perspectiva, como Brait (2006) e Destri e Marchezan (2021). Nessa abordagem, a linguagem é compreendida como prática social, construída nas relações entre sujeitos, discursos e contextos. O discurso é entendido como espaço de interação, atravessado por diferentes vozes e posicionamentos, nos quais os sentidos se constituem de forma dinâmica.

A escolha da ADD como base metodológica está relacionada ao objeto da pesquisa. As *fanfics* são produzidas em ambientes marcados pela interação, pela retomada de discursos já existentes e pela produção de novos sentidos a partir deles. Essa perspectiva orienta a análise da narrativa considerando sua construção discursiva, as vozes presentes no texto e os sentidos produzidos ao longo da narrativa.

Em relação às referências utilizadas na pesquisa, foram selecionadas obras que dialogam com os eixos do estudo: letramento literário, *fanfictions* em ambientes digitais e estudos bakhtinianos da linguagem. A seleção dos textos considerou a relação com o tema e a contribuição teórica para a análise. Nesse sentido, foram mobilizados autores como Cosson (2006), Candido (2017), Soares (1998) e Todorov (2009), na discussão sobre leitura literária, letramento e formação do leitor; Jenkins (2009), Rojo (2015), Santaella (2013) e Leitão (2021), para a compreensão das práticas de linguagem no meio digital e das *fanfics* como espaço de letramento; e Bakhtin (2003, 2009), Brait (2006) e Destri e Marchezan (2021), no que se refere à linguagem, ao discurso e à ADD.

O corpus da pesquisa é a *fanfic Cem Chances* (2021), de Ruth Oliveira, publicada originalmente na plataforma *Wattpad*. A escolha da obra se deu por sua inserção no universo das *fanfictions* voltadas ao público jovem e por sua vinculação à cultura de fãs em ambientes digitais. Além disso, a narrativa apresenta elementos relevantes para os objetivos deste estudo, especialmente no que se refere à construção em primeira pessoa, às interações entre personagens e aos momentos de reflexão do narrador. Esses aspectos possibilitam observar diferentes movimentos discursivos e processos de construção de sentidos ao longo da narrativa, contribuindo para a análise das relações dialógicas presentes no texto.

Para a análise, foram selecionados trechos da narrativa que permitem observar diferentes formas de construção discursiva ao longo do texto. Foram considerados fragmentos relacionados à autoapresentação do narrador, às interações dialogais entre personagens e aos momentos de reflexão interna. A análise foi desenvolvida a partir de três movimentos articulados: descrição, análise e interpretação, conforme discutem Destri e Marchezan (2021). Segundo Brait (2006), as categorias de análise na ADD não são definidas previamente de forma rígida, sendo construídas a partir do contato com o corpus e dos objetivos da pesquisa.

3 LETRAMENTO LITERÁRIO

A formação do leitor não se limita na aquisição da habilidade de leitura. Compreender de que modo a literatura participa do processo formativo do sujeito exige conectar dois conceitos centrais: o da função humanizadora da experiência literária, conforme proposto por Cândido (2017), e o do letramento literário como prática social, conforme desenvolvido por Cosson (2006). Este capítulo apresenta esses conceitos, discute a construção do leitor literário e evidencia como esse percurso teórico fundamenta a análise das *fanfics* enquanto espaço contemporâneo de experiência literária.

3.1 A função humanizadora da literatura

Cândido (2017), em *O direito à literatura*, defende que a literatura representa um bem incompressível, ou seja, um direito humano fundamental. Para o autor, a fabulação é uma necessidade universal, uma vez que "não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação" (Cândido, 2017, p. 174). Em seguida, Cândido (2017, p. 175) afirma que "assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura". A literatura age, portanto, como fator indispensável de humanização, manifestando-se tanto no consciente quanto no inconsciente do sujeito.

A função humanizadora da literatura acontece, principalmente, por meio da forma. Para Cândido (2017, p. 178):

> Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido (Cândido, 2017, p. 178).

Ao dar forma às experiências humanas, a obra literária organiza também o caos interior do leitor. É a forma do texto literário, com sua coerência interna, que permite ao leitor reorganizar suas próprias percepções sobre o mundo. Esse processo desenvolve, segundo o autor, o exercício da reflexão, o afinamento das emoções e a abertura para a complexidade do mundo, tornando o sujeito mais compreensivo em relação à natureza, à sociedade e ao semelhante (Cândido, 2017, p. 180). Negar essa fruição, como reforça Cândido (2017, p. 186), "é mutilar a nossa humanidade".

3.2 Do letramento ao letramento literário

A noção de letramento, conforme desenvolvida por Magda Soares (1998), diferencia-se da alfabetização. Enquanto a alfabetização diz respeito à aquisição do código escrito, o letramento envolve a apropriação das práticas sociais de leitura e escrita. Cosson (2006, p. 11) retoma essa distinção ao afirmar que o letramento trata "não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas". A partir disso, segundo o autor, surge a existência de vários níveis e diferentes tipos de letramento.

Nesse cenário, o letramento literário assume um lugar específico. Cosson (2006, p. 12) argumenta que o processo de letramento que se realiza por meio dos textos literários envolve "não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio". A leitura literária, dessa forma, não se resume à decodificação ou ao simples hábito de ler. Ela se apresenta como uma prática social complexa que reorganiza o modo pelo qual o sujeito se relaciona com a linguagem e com o mundo, ampliando sua capacidade de compreensão e de expressão.

Para fundamentar essa concepção, Cosson (2006, p. 16) propõe a noção de "corpo linguagem", segundo a qual o sujeito também se constitui a partir das palavras com que se exercita. Quanto mais a língua é exercitada, mais ampla se torna a percepção de mundo do leitor. Nessa perspectiva, a prática literária "consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana" (Cosson, 2006, p. 16). É justamente no exercício dos textos literários que o sujeito se torna capaz de construir um modo próprio de se apropriar da linguagem, que é, ao mesmo tempo, sua e de todos.

3.3 A construção do leitor literário

A formação do leitor literário não acontece automaticamente a partir da habilidade de leitura. Conforme aponta Cosson (2006, p. 35), "o leitor não nasce feito" e "o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro". Crescer como leitor exige o contato progressivo com leituras mais complexas, processo que depende de mediação. Cabe à escola, portanto, partir daquilo que o aluno já conhece para ampliar seus horizontes de leitura.

A leitura literária, mesmo quando realizada de forma silenciosa, apresenta-se como um ato social. Para Cosson (2006, p. 27):

> No sentido de que lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário. [...] Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (Cosson, 2006, p. 27).

Assim, o leitor torna-se tão importante quanto o texto, sendo a leitura "um diálogo entre autor e leitor mediado pelo texto, que é construído por ambos nesse processo de interação" (Cosson, 2006, p. 39-40). Esse diálogo, porém, depende da forma como a literatura é apresentada ao leitor em formação. Cosson (2006, p. 26) reafirma que "apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola", uma vez que reduz a literatura a um exercício de decodificação e apaga dela sua dimensão formativa. A análise literária, ao contrário, toma a obra como um processo de comunicação que demanda respostas do leitor e o convida a observar o texto sob diferentes perspectivas (Cosson, 2006, p. 29). Trata-se, dessa forma, de formar leitores capazes de experienciar "toda a força humanizadora da literatura" (Cosson, 2006, p. 30), reconhecendo na obra literária não apenas um objeto de estudo, mas um espaço de construção de sentidos.

3.4 Letramento literário além dos suportes tradicionais

A escolarização da literatura, conforme Cosson (2006, p. 23) lembra ao retomar Magda Soares, não é uma questão de definir "se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização". Esse cuidado torna-se ainda mais relevante quando se considera que a literatura, hoje, circula por suportes diversos e dialoga com gêneros que não cabem inteiramente nas categorias tradicionais do ensino.

Ao discutir a seleção de textos para o letramento literário, Cosson (2006, p. 33) defende a articulação entre cânone, atualidade e diversidade, reconhecendo que a proximidade com textos contemporâneos "ajuda a quebrar a resistência dos alunos, sobretudo dos mais jovens, mais interessados em outras formas de comunicação ou entretenimento". É nesse ponto que as *fanfics*, narrativas produzidas e compartilhadas em ambientes digitais a partir de universos ficcionais já existentes, ganham relevância no debate sobre letramento literário. Nas *fanfics*, o leitor deixa de ocupar apenas a posição de receptor e passa também a participar da construção da narrativa. Ao interpretar, reescrever e dialogar com histórias já conhecidas, esse leitor participa ativamente da produção de sentidos. Dessa forma, a prática das *fanfics* articula leitura e escrita em uma experiência que envolve tanto aspectos individuais quanto coletivos. Nessas

produções, o leitor jovem encontra um espaço no qual a apropriação da experiência literária, no sentido apontado por Cândido (2017), acontece de modo cotidiano. As características dessa prática, assim como dos ambientes digitais em que ela acontece, serão desenvolvidas no capítulo seguinte.

4 FANFICS EM AMBIENTES DIGITAIS

As transformações nas práticas de leitura e escrita contemporâneas estão intimamente relacionadas ao cenário cultural e tecnológico em que se inserem. Compreender as *fanfics* como objeto de estudo exige situá-las nesse cenário, marcado pela convergência das mídias, pela cultura participativa e pelas diferentes formas de linguagem presentes nos ambientes digitais. Este capítulo apresenta os conceitos de Jenkins (2009) sobre cultura da convergência e cultura participativa, relaciona essas discussões à teoria dos multiletramentos desenvolvida por Rojo (2015) e discute a *fanfic* como uma prática de leitura e escrita construída a partir da relação entre apropriação literária, interação entre leitores e os próprios ambientes digitais.

4.1 Cultura da convergência e cultura participativa

Jenkins (2009), em *Cultura da convergência*, propõe que as transformações nas práticas midiáticas contemporâneas não devem ser compreendidas apenas como resultado da inovação tecnológica, mas como um processo cultural. Para o autor, a convergência refere-se ao "fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação" (Jenkins, 2009, p. 29). Esse processo, no entanto, está ligado às formas como os sujeitos interagem com as mídias e constroem relações nesses espaços, uma vez que "a convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros" (Jenkins, 2009, p. 30).

Nessa perspectiva, a relação entre o público e os meios de comunicação se reconfigura. Jenkins (2009, p. 47) argumenta que "se os antigos consumidores eram passivos, os novos consumidores são ativos" e que "se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos". Surge, dessa forma, a chamada cultura participativa, na qual o sujeito deixa de ocupar uma posição exclusivamente receptiva e passa a atuar como produtor e ressignificador dos conteúdos com os quais se relaciona. Esse movimento também se associa à noção de inteligência coletiva, retomada por Jenkins (2009, p. 30) como uma "fonte alternativa de poder midiático", ligada à maneira como

comunidades virtuais compartilham informações, trocam conhecimentos e constroem discussões coletivamente.

4.2 Apropriação de universos ficcionais e produção colaborativa: o lugar das *fanfics*

Dentro do cenário descrito por Jenkins (2009), as narrativas se transformam. O autor propõe o conceito de narrativa transmídia para descrever obras que se desenvolvem "através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo" (Jenkins, 2009, p. 138). As *fanfics* inserem-se nesse processo: são narrativas produzidas por fãs que retomam personagens, contextos ou enredos de obras já existentes e os reinscrevem em novas histórias. Para Jenkins (2009, p. 237), práticas como essas constituem "uma luta sobre os direitos que temos de ler e escrever a respeito de mitos culturais essenciais", ou seja, uma luta sobre letramento. Pesquisas brasileiras recentes também discutem essa relação: Leitão (2021), ao analisar produções de *fanfic* baseadas em obras de Machado de Assis e Rachel de Queiroz, argumenta que essa prática permite engajamento dialógico com o texto literário, promovendo letramento literário e autoria escolar para além da leitura passiva. Ao retomar personagens, vozes e contextos de obras canônicas e reinscrevê-los em novas situações narrativas, o jovem leitor exercita, ao mesmo tempo, a interpretação e a produção de sentidos, ocupando uma posição em que leitura, escrita e interação entre fãs acontecem de forma articulada.

4.3 Multiletramentos e novos gêneros discursivos digitais

A perspectiva de Jenkins (2009) também pode ser relacionada ao conceito de multiletramentos desenvolvido por Rojo (2015). Para a autora, o prefixo "multi" aponta para dois aspectos centrais: "a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e [...] a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significação" (Rojo, 2015, p. 1). Tratar de letramento, nessa concepção, exige reconhecer a multiplicidade de modos pelos quais os sujeitos produzem e interpretam sentidos na contemporaneidade.

Rojo (2015) argumenta que a escola brasileira historicamente privilegiou o texto escrito canônico e a norma culta, marginalizando outras formas de expressão. Esse modelo, ainda dominante em muitas instituições, não acompanha as transformações nos modos de ler e escrever que emergem do mundo digital. Para a autora:

> Esses "novos escritos" [texto eletrônico] obviamente dão lugar a novos gêneros discursivos, quase diariamente: chats, páginas, blogs, twits, posts, ezines, epulps, fanclips etc. E isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de "leitura-escrita", que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multissemiose ou em sua multiplicidade de modos de significar (Rojo, 2015, p. 7).

Esses gêneros emergentes não apenas convivem com os tradicionais: eles reorganizam as próprias relações entre leitura, escrita, autor e leitor. Em ambientes digitais, leitura e escrita se elaboram, frequentemente, no mesmo suporte e no mesmo tempo, o que difere da separação clássica entre produção e consumo (Rojo, 2015, p. 6-7). Esse cenário é discutido por Santaella (2013), que descreve o leitor contemporâneo como leitor ubíquo: aquele que transita por múltiplos suportes, lê em mobilidade e produz sentidos a partir de fragmentos interconectados. A *fanfic*, publicada em plataformas como o *Wattpad*, dialoga diretamente com esse perfil de leitor, uma vez que a leitura acontece em mobilidade, capítulo a capítulo, intercalada por comentários, recomendações e produção de novas narrativas, todas as ações entrelaçadas em uma mesma experiência digital.

4.4 A *fanfic* como prática multiletrada e espaço de letramento literário contemporâneo

A articulação entre as contribuições de Jenkins (2009) e de Rojo (2015) permite compreender as *fanfics* não apenas como manifestações culturais isoladas, mas como uma das formas mais expressivas de letramento literário em ambientes digitais. Da perspectiva de Jenkins (2009), a *fanfic* concretiza a cultura participativa ao deslocar o leitor da posição de receptor para a de coautor de universos ficcionais. Já na perspectiva de Rojo (2015), essa prática pode ser relacionada aos multiletramentos, pois ocorre em ambientes digitais marcados pela presença de diferentes linguagens e pela articulação entre leitura e escrita, além de envolver a pluralidade cultural dos sujeitos jovens.

Esse cruzamento dialoga diretamente com a concepção de letramento literário discutida no capítulo anterior. Na *fanfic*, leitura, escrita e interação acontecem de forma articulada. O leitor se envolve com a obra-fonte, produz novas narrativas a partir dela e participa de espaços de troca em comunidades digitais. Além disso, a experiência literária também se constrói na própria organização narrativa dessas produções. Dessa forma, ela responde, em ambiente digital, à concepção de letramento literário proposta por Cosson (2006), enquanto apropriação da escrita e das práticas sociais a ela relacionadas. Responde também à concepção de Cândido (2017) sobre a função humanizadora da literatura, uma vez que oferece ao jovem leitor um espaço cotidiano de fabulação, organização simbólica do mundo e construção de identidade. A

análise dessa prática, contudo, não se completa apenas com os conceitos de cultura participativa, multiletramentos e letramento literário. Compreender como os sentidos são construídos nas *fanfics*, como os sujeitos se posicionam nesses textos e como diferentes vozes e discursos aparecem nas interações entre os personagens exige uma perspectiva teórica voltada para a análise da linguagem em uso. É a partir dessa discussão que o próximo capítulo aborda as contribuições de Bakhtin e do Círculo para a compreensão da linguagem em sua perspectiva dialógica.

5 LINGUAGEM, DISCURSO E NARRATIVA NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

A análise das *fanfics* enquanto produções discursivas em ambientes digitais exige um referencial teórico capaz de articular linguagem, discurso e construção de sentidos. Esse referencial encontra na perspectiva bakhtiniana, formulada por Mikhail Bakhtin e pelo Círculo, uma base importante para compreender a linguagem como prática social e dialógica. Este capítulo apresenta os fundamentos dessa perspectiva, conforme sistematizada por Brait (2006) e por Destri e Marchezan (2021), discute o conceito de dialogismo e as relações dialógicas como núcleo do pensamento bakhtiniano, estuda a noção de gêneros do discurso e seu desdobramento no estudo da *fanfic* enquanto gênero emergente, e, por fim, aborda a constituição do sujeito no discurso por meio das vozes e da posição enunciativa.

5.1 A concepção dialógica da linguagem

A perspectiva bakhtiniana propõe uma compreensão da linguagem que vai além das abordagens exclusivamente linguísticas, incorporando elementos sociais, históricos e ideológicos na análise dos discursos. Bakhtin e o Círculo, do qual fizeram parte autores como Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev, afastam-se da concepção estruturalista da língua como sistema autônomo e defendem que a linguagem só pode ser compreendida em sua realização concreta, ou seja, na interação verbal entre sujeitos socialmente situados (Brait, 2006).

Para Bakhtin (2009), a língua não pode ser entendida como algo neutro ou isolado, uma vez que está sempre vinculada ao contexto social. A enunciação é compreendida, nessa perspectiva, como "o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados" (Poisk; Torrentes; Favoreto, 2023, p. 28 apud Bakhtin, 2009, p. 116), o que significa que toda fala se

direciona a um outro, mesmo quando esse outro é apenas presumido. O sentido das palavras, portanto, não está fixo nelas, mas se constrói na interação entre locutor e interlocutor.

Como explica Brait (2006, p. 61), a perspectiva bakhtiniana "não configura, efetivamente, uma proposta fechada e linearmente organizada", mas "um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a postura dialógica diante de corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador". Trata-se, dessa forma, de uma perspectiva teórica que utiliza conceitos como interação verbal, dialogismo, alteridade e gêneros do discurso para analisar como os sentidos são construídos socialmente nos discursos.

5.2 Dialogismo e relações dialógicas

O conceito de dialogismo ocupa lugar central no pensamento bakhtiniano. Para Bakhtin (2003, p. 272), "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados", o que significa que nenhuma fala é original ou isolada. Todo enunciado responde a enunciados anteriores e antecipa enunciados futuros, estabelecendo relações de concordância, discordância ou resposta. O dialogismo não se limita ao diálogo entre interlocutores em situação concreta: alcança a relação entre o falante e seus próprios enunciados, entre o discurso atual e a memória de outros discursos, entre o sujeito e a tradição discursiva à qual se vincula.

Bakhtin (2002, p. 183) afirma que "toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas". Essas relações são extralinguísticas, mas, como ressalta o autor, não podem ser separadas do campo do discurso. A linguagem, dessa forma, vive na comunicação dialógica daqueles que a utilizam, e é nessa comunicação que ela se realiza como fenômeno integral concreto.

A consequência dessa concepção para a análise é direta. O falante, segundo Bakhtin (2003, p. 291):

> [É], em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores [...] aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (Bakhtin, 2003, p. 291).

Analisar um discurso, portanto, exige reconhecer essa cadeia, observar com quem o enunciado dialoga, a que ele responde e o que ele antecipa.

5.3 Gêneros do discurso e o lugar da *fanfic*

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003) propõe que os usos da linguagem se organizam em gêneros do discurso, tipos relativamente estáveis de enunciados que se organizam em diferentes contextos de comunicação. Cada gênero se caracteriza por três dimensões articuladas: o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional, todas determinadas pelas condições específicas e pelas finalidades da esfera de comunicação em que o enunciado circula. Os gêneros não são formas linguísticas fixas, mas formas de organização do discurso que se firmam socialmente dentro de determinados contextos de comunicação.

A teoria dos gêneros discursivos é especialmente produtiva para o estudo de produções digitais contemporâneas. Rojo (2015), ao retomar Bakhtin no contexto da hipermodernidade e dos multiletramentos, argumenta que as novas tecnologias e ferramentas de leitura-escrita dão lugar, quase diariamente, a novos gêneros discursivos, como chats, posts, blogs, fanclips e, entre eles, as próprias *fanfics*. Esses gêneros emergentes não invalidam a teoria bakhtiniana. Ao contrário, oferecem diferentes possibilidades de análise a partir dessa perspectiva, na medida em que se organizam em conteúdo temático, forma composicional e estilo próprios, ainda que em processo de construção.

A *fanfic* pode ser caracterizada, sob essa perspectiva, como um gênero do discurso digital com configurações próprias. Seu conteúdo temático se constitui pela retomada e reelaboração de universos ficcionais preexistentes, sejam eles presentes na literatura, no audiovisual, na música ou em outras esferas culturais. Sua construção composicional organiza-se, em geral, em capítulos serializados publicados em plataformas digitais como o *Wattpad*, frequentemente acompanhados de notas autorais, comentários e interações com leitores. Seu estilo verbal combina marcas linguísticas próximas do registro cotidiano dos jovens leitores e escritores com convenções específicas da comunidade de fãs, como o uso de classificações, tags e referências internas ao nicho. A *fanfic*, dessa forma, não é um texto isolado, mas um enunciado situado em uma esfera de comunicação específica, com modos relativamente estabilizados de produção e circulação.

5.4 Vozes, posição enunciativa e construção do sujeito no discurso

Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito não preexiste ao discurso, mas se constitui nele e por meio dele. Bakhtin (2009, p. 29) afirma que:

> Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros, com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo (Bakhtin, 2009, p. 29).

A consciência individual, dessa forma, é resultado de um processo dialógico contínuo, marcado pelo contato com as palavras e os valores do outro. Como discutem Poisk, Torrentes e Favoreto (2023, p. 30), a identidade construída pelo sujeito "dialoga com outras" e se constitui nesse diálogo. Não se trata, portanto, de uma identidade fixa ou individual, mas de uma posição enunciativa que se elabora em resposta a vozes sociais previamente existentes, sejam elas estereótipos, valores partilhados, discursos consagrados ou expectativas sociais sobre quem o sujeito deve ser.

A categoria de posição enunciativa permite observar, no interior do texto, de que lugar o narrador fala, como se constrói diante das vozes que atravessam seu discurso e como organiza, na cadeia enunciativa, sua relação com personagens, leitores e referências externas. Em uma *fanfic* narrada em primeira pessoa, essa posição se manifesta tanto nos momentos de autoapresentação, nos quais o narrador se descreve e se define em relação a estereótipos sociais, quanto nas interações dialogais com outros personagens, nas quais diferentes pontos de vista se encontram, se contrapõem e produzem sentidos compartilhados. É a partir dessas relações entre dialogismo, gêneros do discurso e construção do sujeito que se desenvolve a análise do corpus apresentada no próximo capítulo.

6 ANÁLISE DE *FANFIC*

6.1 Apresentação da obra

A obra selecionada como corpus desta pesquisa é a *fanfic Cem Chances* (2021), escrita pela autora brasileira Ruth Oliveira e originalmente publicada na plataforma digital *Wattpad*. Posteriormente, a narrativa foi adaptada para o formato físico pela editora Violeta, evidenciando a circulação dessas produções entre ambientes digitais e editoriais.

A história insere-se no universo das *fanfictions* inspiradas em integrantes do grupo musical sul-coreano BTS, nas quais figuras conhecidas do público são utilizadas como referência para a criação de personagens ficcionais. A escolha da obra relaciona-se à sua circulação inicial em uma plataforma digital voltada à publicação de *fanfics*, à sua vinculação à cultura de fãs e à presença de elementos relevantes para os objetivos desta pesquisa, como os momentos de autoapresentação do narrador, as interações dialogais entre personagens e os

trechos de reflexão interna. Construída predominantemente em primeira pessoa, a obra acompanha o percurso de um personagem que, após um acontecimento trágico decorrente de um conflito com outro personagem central, passa a lidar com as consequências desse evento e com as transformações em sua relação com esse personagem, que, ao longo da história, evolui de uma dinâmica marcada pela rivalidade para um envolvimento afetivo.

Como é comum em produções publicadas em plataformas digitais, a obra apresenta uma estrutura seriada, organizada em capítulos disponibilizados gradualmente aos leitores, característica que influencia o ritmo da narrativa e a forma de desenvolvimento dos acontecimentos.

6.2 Análise da narrativa

Para observar aspectos da construção discursiva presentes na narrativa, foram selecionados alguns fragmentos da obra que exemplificam diferentes momentos do discurso do narrador. Entre eles, destacam-se passagens de autoapresentação do personagem, interações dialogais entre personagens e momentos de reflexão interna. A partir desses trechos, realiza-se uma descrição e análise dos elementos discursivos presentes na narrativa.

6.2.1 Autoapresentação do narrador

Em determinados momentos da narrativa, o personagem narrador apresenta descrições sobre si mesmo, revelando características de sua personalidade, aparência e percepções sobre como acredita ser visto socialmente. Esses trechos permitem observar como o próprio personagem constrói sua identidade ao longo da narrativa. Para Bakhtin (2009), a consciência e a identidade não se constituem de forma isolada, mas nas relações sociais e no contato com os discursos do outro. Assim, a forma como o personagem se percebe e descreve a si mesmo relaciona-se aos valores e estereótipos socialmente construídos que atravessam seu discurso (Poisk; Torrentes; Favoreto, 2023, p. 28 apud Bakhtin, 2009).

O trecho a seguir exemplifica esse momento de autoapresentação:

> *Quer dizer, eu tenho essa aparência e o jeito meio bruto. Sou o perfeito estereótipo do cara que mal se formou na escola e nunca pisou numa faculdade, porque é burro demais e prefere se meter em brigas de gangue em algum bar sujo.*
>
> *Não é o meu caso. As tatuagens que recobrem minha pele nunca sugaram minha capacidade intelectual. Aliás, sou bem inteligente, só um tanto preguiçoso.*

Descrição do trecho

No fragmento, o narrador descreve a forma como acredita ser percebido pelos outros, associando sua aparência física a um estereótipo social ligado à violência e à falta de escolaridade. Em seguida, contrapõe essa imagem inicial ao afirmar que essa percepção não corresponde à sua realidade. O personagem menciona elementos de sua aparência, como as tatuagens e o "jeito meio bruto", ao mesmo tempo em que busca diferenciar esses aspectos de sua capacidade intelectual, apresentando uma construção discursiva em que primeiro reconhece um estereótipo social e depois o questiona.

Análise do trecho

Nesse momento da narrativa, o discurso é construído em primeira pessoa, permitindo ao leitor acesso direto às percepções do personagem sobre si mesmo. O narrador organiza sua fala de forma contrastiva: inicialmente, apresenta uma imagem baseada em um estereótipo: "Sou o perfeito estereótipo do cara que mal se formou na escola e nunca pisou numa faculdade, porque é burro demais e prefere se meter em brigas [...]"; em seguida, procura desconstruí-la ao afirmar que essa visão não corresponde à sua realidade: "Não é o meu caso. [...] sou bem inteligente, só um tanto preguiçoso."

Essa construção evidencia um movimento discursivo em que o personagem dialoga com uma representação social previamente estabelecida e busca redefinir sua própria identidade dentro da narrativa. Para Bakhtin (2009), a identidade é construída socialmente a partir do contato com outras pessoas e discursos, sendo resultado de um processo dialógico e contínuo. Esse movimento de construção identitária, no qual o narrador interpreta e tensiona estereótipos por meio da linguagem, aproxima-se do que Leitão (2021) descreve como engajamento dialógico com o texto literário, prática que envolve simultaneamente leitura, escrita e produção de sentidos.

6.2.2 Interação entre personagens

Além dos momentos de descrição e reflexão individual, a narrativa também se desenvolve por meio de interações entre personagens. Essas interações aparecem principalmente em forma de diálogo, permitindo observar como os personagens se posicionam diante de determinadas situações e como expressam diferentes perspectivas sobre os

acontecimentos da história. O trecho a seguir apresenta um momento de diálogo entre o narrador e outro personagem:

> *— O que foi agora? — Ele pergunta, em tom de tédio.*
>
> *— Nada. Eu só queria ter essa esperança que você tem de que as coisas vão milagrosamente voltar ao normal — digo, já completamente desiludido. Dessa vez, nem é uma provocação.*
>
> *— Não queira. — Ele diz, um tanto retraído ao dar de ombros desleixadamente. — Ter esperança é o caminho mais longo e doloroso para a decepção.*
>
> *— Para algumas pessoas, ter esperança em alguma coisa é o único jeito de seguir em frente — confesso, um pouco amargurado. — Não seja tão ingrato.*

Descrição do trecho

Nesse fragmento, observa-se uma interação direta entre dois personagens por meio do diálogo. Enquanto um dos personagens expressa uma visão mais pessimista, associando a esperança à possibilidade de frustração: "[...] Ter esperança é o caminho mais longo e doloroso para a decepção", o narrador apresenta uma perspectiva diferente, relacionando a esperança à possibilidade de continuar seguindo em frente: "Para algumas pessoas, ter esperança em alguma coisa é o único jeito de seguir em frente [...]". O trecho também inclui indicações narrativas que descrevem o tom de voz e o estado emocional dos personagens, como "em tom de tédio", "um tanto retraído" e "um pouco amargurado".

Análise do trecho

Nesse momento da narrativa, o desenvolvimento da história ocorre por meio da alternância de falas entre os personagens. Cada interlocutor apresenta sua própria compreensão sobre a situação discutida, evidenciando diferentes perspectivas dentro do diálogo. Ao longo da conversa, o narrador também comenta suas falas e emoções, permitindo ao leitor acompanhar suas reações diante da interação. Essas relações podem ser associadas ao conceito de dialogismo de Bakhtin (2003), segundo o qual nenhum enunciado surge de forma isolada: todo discurso responde a dizeres anteriores e antecipa respostas futuras. Ao acompanhar esse movimento, o leitor interpreta como os posicionamentos dos personagens se constroem em relação uns aos outros, o que amplia sua compreensão sobre diferentes formas de ver e responder ao mundo, processo diretamente relacionado ao letramento literário discutido por Leitão (2021).

6.2.3 Reflexão do narrador

Em outros momentos da narrativa, o narrador interrompe o fluxo dos acontecimentos para apresentar reflexões pessoais sobre suas experiências e decisões. O trecho a seguir exemplifica esse tipo de reflexão:

> *Errar é importante, como dizem por aí.*
> *É errando e refletindo sobre os deslizes que cometemos que somos capazes de dimensionar e perceber aquilo que uma sequência invicta de acertos não nos permitiria jamais.*
> *Gosto de pensar que o acerto alcançado após a reflexão sobre um erro é como um acerto consciente.*
> *Mas me pergunto como, nesse inferno, podemos corrigir um erro que sequer somos capazes de identificar? Como acertar se não temos a mínima ideia do que é o certo a se fazer?*

Descrição do trecho

Nesse fragmento, o narrador desenvolve uma reflexão sobre a relação entre erro e aprendizado. Diferentemente dos trechos dialogais, o discurso assume um caráter introspectivo, construído a partir de afirmações seguidas de questionamentos. Inicialmente, o narrador apresenta uma ideia geral sobre a importância do erro como parte do aprendizado e, em seguida, questiona a possibilidade de corrigir erros quando não se tem clareza sobre quais foram as falhas cometidas.

Análise do trecho

Nesse momento da narrativa, a construção discursiva ocorre por meio da exposição direta dos pensamentos do personagem narrador. O uso da primeira pessoa permite que o leitor acompanhe seu processo reflexivo, marcado por dúvidas, reformulações e questionamentos sobre as próprias experiências. Observa-se também o uso de perguntas retóricas, como: "Como acertar se não temos a mínima ideia do que é o certo a se fazer?", que evidenciam o estado de incerteza vivido pelo personagem naquele momento da narrativa.

Nesse movimento reflexivo, observa-se novamente a presença do dialogismo (Bakhtin, 2003). Ao afirmar que "errar é importante, como dizem por aí", o narrador retoma uma ideia socialmente difundida e, ao longo da reflexão, passa a tensioná-la ao questionar a possibilidade de corrigir erros que não foram ainda compreendidos. Assim, o discurso constrói-se em diálogo com vozes socialmente compartilhadas, evidenciando o caráter dialógico da linguagem. Ao acompanhar esses questionamentos, o leitor entra em contato com experiências, sentimentos e conflitos humanos que não estariam acessíveis de outra forma, a não ser durante a leitura,

aproximando-se da função humanizadora da literatura discutida por Cândido (2017) e Todorov (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender de que forma a leitura e a escrita de *fanfics* em ambientes digitais podem contribuir para o desenvolvimento do letramento literário de jovens leitores e escritores, tendo como corpus a *fanfic Cem Chances* (2021), de Ruth Oliveira, publicada originalmente no *Wattpad*.

O percurso teórico construído ao longo dos capítulos foi necessário para sustentar a análise. A partir de Cosson (2006), Soares (1998) e Cândido (2017), compreendemos o letramento literário como uma prática social que vai além da decodificação de textos, envolvendo experiências de leitura e escrita capazes de ampliar a relação do sujeito com a linguagem, com o outro e com o mundo. Rojo (2015), Jenkins (2009) e Santaella (2013) ampliaram essa compreensão ao discutir as transformações das práticas de leitura e escrita nos ambientes digitais, mostrando que os jovens já participam de práticas letradas reais fora da escola e que a *fanfic*, inserida na cultura participativa, constitui uma dessas práticas. Nesse contexto, Leitão (2021) contribuiu para pensar as *fanfictions* como espaços relacionados ao letramento literário e à construção de autoria. Por fim, a perspectiva bakhtiniana, articulada a partir de Bakhtin (2002; 2003; 2009), Brait (2006) e Destri e Marchezan (2021), ofereceu os conceitos necessários para observar como os sentidos são construídos na materialidade do texto, por meio do dialogismo e das relações dialógicas.

A escolha de *Cem Chances* mostrou-se pertinente para os objetivos da pesquisa, uma vez que sua análise foi coerente com o que a teoria apontava. Nos três trechos analisados, foi possível observar que a narrativa mobiliza recursos discursivos que vão além do entretenimento: o narrador constrói sua identidade em diálogo com estereótipos sociais, os personagens se posicionam e respondem uns aos outros dentro de uma cadeia enunciativa, e a reflexão sobre erro e aprendizado tensiona um discurso socialmente compartilhado ao invés de simplesmente reproduzi-lo. Em todos esses momentos, o caráter dialógico da linguagem se fez presente.

Do ponto de vista da formação em Letras, esta pesquisa foi um exercício de aproximar teoria e prática. Estudar Bakhtin e o Círculo deixou de ser um exercício abstrato quando seus conceitos passaram a descrever o que acontecia nos trechos da *fanfic* analisada. Reconhecer que os jovens já leem, escrevem e participam de comunidades literárias em ambientes digitais,

mesmo fora da escola, é um ponto de partida para pensar práticas de ensino mais próximas das formas contemporâneas de leitura e escrita desenvolvidas por esses sujeitos. A análise realizada também permite compreender a *fanfic* não apenas como uma produção de entretenimento em ambientes digitais, mas como uma prática de leitura e escrita capaz de mobilizar experiências relacionadas ao letramento literário.

Como desdobramento, seria possível ampliar o corpus para incluir outras *fanfics* e plataformas, ou investigar de que forma essas práticas podem ser incorporadas à sala de aula sem perder o que as torna significativas para os jovens. A questão que permanece é como a escola pode reconhecer e ampliar um potencial que já existe nas práticas de leitura e escrita que os jovens desenvolvem fora dela.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução: Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá,** [S. l.], v. 11, n. 20, 2006. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238. Acesso em: 14 abr. 2026.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 175-191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da Abralin,** v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEITÃO, André Alexandre Padilha. Fanfictions: experiências na promoção do letramento literário e autoria escolar. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e**

Aplicada, v. 37, n. 2, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/qNkgFLxnJx6zZGzLx5TYWsd/. Acesso em: 02 mai. 2026.

OLIVEIRA, Ruth. **Cem Chances.** Disponível em: Wattpad. Acesso em: 8 mar. 2026.

POISK, Camilla Cassoti; TORRENTES, José Vinicius; FAVORETO, Aparecida. A construção da identidade sob as óticas de Bakhtin, Bauman e Maffesoli. **Revista Thêma et Scientia,** v. 13, n. 1, jan./jun. 2023. Disponível em: https://revistas.fag.edu.br/index.php/RTES/article/download/1615/1487. Acesso em: 5 mai. 2026.

ROJO, Roxane. A teoria dos gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, João Paulo (org.). **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 13-36.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.